

# ***Midiatização da Romaria da Medianeira pela Rede Vida: da preservação do ritual à fragmentação da festa***

**Viviane Borelli**

Doutoranda em Ciências da Comunicação  
UNIFRA, RS

---

## **Resumo**

Discute-se os conceitos de campos sociais, midiatização e construção do cerimonial midiático que permeiam a problemática da tese de doutorado em desenvolvimento no PPGCom da Unisinos que analisa a midiatização da Romaria da Medianeira (Santa Maria, RS) pela Rede Vida de Televisão. Ao analisar as transmissões ao vivo da Romaria de 2001 a 2004 são verificadas alterações nos formatos televisivos: antes era preservada a cerimônia religiosa, mostrando-a quase totalmente, mas, depois de 2003, ela é fragmentada. O acontecimento religioso é dissolvido pelas lógicas midiáticas.

**Palavras-chave:** mídia, região, romaria.

## **Introdução<sup>1</sup>**

Em Santa Maria, cidade do interior gaúcho de aproximadamente 240 mil habitantes, realiza-se há mais de 60 anos, no segundo domingo de novembro, a Romaria de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, que em 2005 reuniu 270 mil pessoas, número que ultrapassa a população local.

Desde o início da festa, fazem-se presentes em sua ocorrência dispositivos tecnológicos – seja os alto-falantes no Parque da Medianeira, onde acontece a missa principal, ou o sistema de som, instalado em todo o percurso da procissão, ou ainda as mídias tradicionais como os jornais, o rádio e a televisão.

A mídia mais recente a fazer parte da romaria é a televisão que, através da Rede Vida de Televisão, desde 1996, mostra a festa para todo o Brasil. Essa romaria apresentada pela televisão distingue-se daquela presencial: a Rede Vida faz a sua própria cerimônia da festa da Medianeira através de formas singulares de produção, mobilizando estratégias e formatos distintos daqueles produzidos presencialmente.

Nesse contexto, o trabalho tem o intuito de discutir alguns conceitos que orientam a pesquisa em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, como de campos

---

<sup>1</sup> O artigo faz parte da tese de doutorado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (Unisinos), que tem como título "Da festa ao olhar da mídia: as estratégias midiáticas da Rede Vida na construção do acontecimento religioso – *A Romaria da Medianeira*" e é orientada pelo professor doutor do PPGCom Unisinos, Antonio Fausto Neto.

sociais, midiatização e construção do cerimonial midiático. Além disso, busca-se refletir sobre algumas observações realizadas até o momento e que decorrem da análise da midiatização da Romaria da Medianeira.

O objeto de estudo da tese é a midiatização da Romaria da Medianeira, em que se procura compreender o papel da Rede Vida<sup>2</sup> neste fenômeno de midiatização. Relacionada à problemática da midiatização da Romaria está a Romaria midiatizada, ou seja, a busca de fundamentos para compreender como a midiatização transforma o conceito de romaria ao longo de sua historicidade.

A investigação centra-se na problemática de que historicamente festas religiosas antes limitadas a sua ocorrência real, presencial, passam a ser construídas por dispositivos e lógicas midiáticas. A entrada da Rede Vida na cobertura ao vivo da Romaria representa uma reconfiguração dos sentidos dessa festa, em que o campo religioso passa a estreitar e desenvolver complexas relações com o dispositivo midiático, que opera como campo a partir de lógicas singulares.

A partir de observações empíricas e análises das transmissões ao vivo da Romaria nos últimos anos, verifica-se que a mediação tecnológica e discursiva está presente na Romaria e modifica seus modos de existência ao longo de sua historicidade que data dos anos 40 do século XX.

A missa, que antes era elaborada apenas para os devotos presenciais, passa, após a virada do século, a ser estruturada para um outro público – o midiático, tendo de adequar-se às lógicas e gramáticas televisivas. A dramaturgia passa a ser mais explorada na elaboração do ritual litúrgico e as câmeras da Rede Vida captam com mais intensidade as ações encenadas durante a missa.

Outra mudança na organização da festa é que o trajeto da procissão mudou em 2002, após meio século de história, para que a caminhada fosse mais fluída e não houvesse tanto risco de ocorrer atraso na chegada da imagem de Medianeira, pois a missa inicia às 10h e é televisionada. Assim, o evento deve se encaixar à grade de programação da emissora.

Neste texto, será refletido sobre essas e outras observações realizadas a partir de análise da transmissão da Romaria pela Rede Vida de 2001 a 2004 e, então, faz-se ponderações sobre as alterações nos formatos televisivos e também da incidência da televisão sobre o ritual religioso.

Inicialmente, são problematizadas questões que permeiam o objeto de pesquisa, como os crescentes processos midiáticos que incidem sobre eventos religiosos tais como a Romaria da Medianeira, em que a televisão gera a sua própria cerimônia. Além disso, discute-se a relação entre os campos sociais e seus modos de co-existência na esfera pública.

## **Midiatização da Romaria: problematizando alguns conceitos teóricos**

A Romaria não é só uma manifestação religiosa ou sócio-cultural, mas é também um fenômeno de comunicação midiática que é compreendido a partir de algumas referências teóricas, especialmente dos conceitos de midiatização, campos sociais e construção do cerimonial midiático.

---

<sup>2</sup> A Rede Vida é uma emissora católica administrada pelo Inbrac (Instituto Brasileiro de Comunicação Cristã) que iniciou suas atividades em dia 1º de maio de 1995 (<http://www.redevida.com.br>, consultado em 24 de janeiro de 2006).

A noção de midiatização refere-se à articulação hibridizante das múltiplas instituições com as várias organizações de mídias (atividades regidas por um código semiótico específico), sendo uma das ordens de mediações sociais. Já a mediação é uma categoria que recobre todo o espaço social e integra todas as culturas, estando ligada à ação de fazer comunicar duas partes, de fazer pontes<sup>3</sup>.

A mediação midiática tem características técnico-simbólicas e é compreendida como um processo, em que ocorrem infinitas transformações e circulação de sentidos. A mediação midiática a que se refere deve ser entendida nos seus constantes vínculos<sup>4</sup> e nas mudanças sociais que implicam novos modos de vivência no mundo<sup>5</sup>.

A mídia não é concebida apenas como um suporte material, um meio técnico, mas como um dispositivo<sup>6</sup> um lugar complexo constituído de materialidades e subjetividades, que orienta, hierarquiza e co-determina os sentidos a partir de estratégias.

Esse dispositivo técnico<sup>7</sup> passa a constituir uma outra Romaria, já que a partir de características muito singulares, a Rede Vida e seu aparato técnico-significante transformam o acontecimento, gerando múltiplos sentidos. Como foi dito, ao transmitir a Romaria, a Rede Vida gera uma outra festa diferente da ocorrência presencial.

A mídia representa um dos modelos mais emergentes de mediação, a tecno-interação<sup>8</sup> em que faz parte de sua constituição como campo operar as mediações sociais. Os processos midiáticos levam a reconfigurações das formas habituais de mediação, face a face, de forma direta e presencial, sem intermediários ou outros mecanismos presentes.

A transmissão ao vivo da Romaria pode ser compreendida a partir dessa nova modalidade de mediação, a 'tecno-interação', em que os sentidos tradicionais sobre a religião - presencial, num espaço institucional gerenciado pela Igreja -, são deslocados para outra ordem, a das mídias - a televisão.

Ao midiatizar um acontecimento religioso como a Romaria, a televisão (mesmo sendo a Rede Vida, uma emissora gerenciada por um instituto formado essencialmente por pessoas ligadas à vida religiosa) não está repassando e/ou reproduzindo as simbólicas constitutivas do campo religioso, mas está re-construindo, redimensionando e ressemantizando esses sentidos primeiros a partir de estratégias muito específicas.

Na midiatização, há regras implícitas e explícitas que são seguidas pelos envolvidos nesse processo, seja por parte do campo que detém o domínio maior sobre a gestão do acontecimento, no caso a Igreja Católica; daqueles que o viabilizam, especialmente como patrocinadores, como políticos e empresas locais; os que são movidos por interesses e expectativas muito singulares (pela fé, busca de auxílio espiritual, ou por mobilização de ordem coletiva - participar do ato), fazendo parte da cerimônia de forma presencial; ainda

---

<sup>3</sup> SODRÉ (2002).

<sup>4</sup> SILVERSTONE (2002).

<sup>5</sup> MARTÍN-BARBERO (2004).

<sup>6</sup> MOUILLAUD (1997).

<sup>7</sup> MARTÍN-BARBERO (2004).

<sup>8</sup> SODRÉ (2002).

os agentes do campo midiático, que são responsáveis pela construção midiática, produzindo uma outra Romaria.

Compreende-se que a mídia é um campo que age e opera sobre outros campos através de atividades enunciativas, produzindo vários sentidos e também sofrendo ações deles. Um campo social é formado por especificidades e características identitárias muito particulares que o diferem dos demais, garantindo sua singularidade. Cada campo social detém um domínio específico da experiência, possuindo uma simbólica particular que o constitui e assegura sua visibilidade pública<sup>9</sup>. Porém, o fato de atuar num domínio específico da experiência não é garantia de que essas relações sejam pacíficas, pois elas podem ser marcadas pela tensão.

O diálogo entre os campos, seja através de interações, negociações ou disputas, garante sua sobrevivência nessa rede de relações, pois eles precisam uns dos outros para manter-se conectados e vinculados à realidade social. E é o campo midiático o responsável em promover essas trocas, garantindo visibilidade aos demais. É através da mediação do campo midiático que os demais campos sociais relacionam-se, já que as conexões e osvínculos entre os campos de conhecimento são gerenciados pela mídia<sup>10</sup>.

Por ser uma emissora católica, a Rede Vida é considerada uma mídia singular, com características dos campos midiático e religioso. Há uma certa ambigüidade nos modos de operar da emissora fazendo com que algumas de suas ações sejam operadas a partir de características do campo religioso, especialmente através das representações simbólicas que decorrem dos rituais. Porém, outras ações são movidas pelas lógicas midiáticas: a temporalidade, a atualidade, os valores-notícia, as rotinas produtivas, operar mediações via aparato tecnológico, o 'estar junto' mesmo que não presencialmente, a construção de um cerimonial próprio a partir do ritual religioso.

A Rede Vida, que atua em âmbito nacional, desloca-se de seu nicho central para uma cidade do interior, transmitindo uma das maiores romarias do Brasil e a maior do Rio Grande do Sul. Trata-se de uma festa muito tradicional, que inicia ainda nos anos 30 do século passado, quando havia apenas a mídia impressa, e, à medida que o tempo passa, torna-se oficial, em 1942, com a designação de padroeira do estado. Depois de mais de 60 anos, o trajeto da Romaria é mudado em função de atrasos na missa que é televisionada.

Ações desenvolvidas pela Rede Vida na midiatização da Romaria levam a uma Romaria midiatizada, em que há reformulações nos sentidos tradicionais de fazer essa festa. Antes, havia apenas a presença de um dispositivo tecnológico de menor alcance – o sistema de som da Romaria (anos 50), que mais tarde co-associa-se à Rádio Medianeira (década de 70) – falando para dentro, orientando, guiando e fazendo com que a simbólica da festa pudesse se expressar para os que participam da cerimônia religiosa.

Com a entrada da televisão, na década de 90, o dispositivo midiático agrupa-se aos demais, ampliando sua atuação. Agora, ele não fala mais só para dentro da cerimônia, mas para fora, em rede nacional, ao vivo para todo o Brasil. Há uma transformação na midiatização que não atua mais num cerimonial presencial,

---

<sup>9</sup> RODRIGUES (2000).

<sup>10</sup> ESTEVES (1998).

mas que amplia e transforma seu campo de atuação, dando voz para a Romaria expressar-se através de suas simbólicas para fora de seu nicho local.

A Igreja Católica que antes tinha um papel demarcado, atuando num domínio específico da experiência, passa agora a ocupar outros espaços que não mais o presencial, do templo, mas o midiático. A Rede Vida é mídia carregada de simbólicas do campo religioso.

Em relação a sua constituição, o campo religioso possui dois limites: um visível, que seria representado pela batina e todos os objetos utilizados nas ações desenvolvidas por seus representantes, e outro fluído, invisível, em que, atualmente novos saberes entram em cena para disputar o poder com ele (membros de seitas, médicos, psicólogos, professores, conselheiros de vida, etc). "Todos fazem parte de um novo campo de lutas pela manipulação simbólica da condução da vida privada e a orientação da visão de mundo" (Bourdieu, 1990, p. 121).

Aos novos agentes citados pelo autor, acrescentam-se as mídias, que disputam com o campo religioso o poder de instituir discursos que se referem à sua simbólica original – orientar, guiar, resolver questões que se referem ao âmbito pessoal, à própria existência humana.

Seria a dissolução do religioso<sup>11</sup>, em que a religião estaria sendo gerida por outros âmbitos que não apenas aquele limitado ao seu lugar original, demarcado pelas vestes, ritos e símbolos, mas também por outras instâncias, como a midiática.

Nessa perspectiva de perda de competência, uma tendência é que o campo religioso "tende a não ser mais do que o organizador das cerimônias sociais" Bourdieu (1990, p. 125). E, mesmo nesse caso, divide a competência com outros campos.

A Igreja é a organizadora principal da Romaria, dominando os limites em que aparecem os rituais religiosos, mas não detém poder sobre as manifestações 'profanas', como o comércio informal, e nem sobre as ressemantizações dos sentidos da festa, as construções simbólicas geradas nas operações do campo midiático.

O dispositivo midiático age sobre as ocasiões cerimoniais, produzindo a sua própria cerimônia, seja através da explicação dos sentidos dos símbolos e ações desenvolvidas pelos atores sociais, os ressemantizando e gerando uma forma muito singular de mostrar, nomear, dizer, evidenciar, destacar.

Não só a Romaria presencial é um acontecimento, mas também a cobertura televisiva realizada pela Rede Vida, que se caracteriza como um acontecimento midiático<sup>12</sup>, pois não faz parte da rotina, é uma transmissão ao vivo, os acontecimentos se organizam fora dos meios (não são organizados pela emissora); a notícia inicial dá tempo para preparação por parte das emissoras e audiências; eles são apresentados com reverência e cerimônia; os jornalistas tratam o tema com respeito, exercendo um "papel quase sacerdotal" (Dayan e Katz, 1995, p. 16).

---

<sup>11</sup> BOURDIEU (1990).

<sup>12</sup> DAYAN e KATZ (1995).

Além disso, a televisão não interrompe de forma direta o cerimonial principal (a procissão e a missa, no caso das coberturas até 2002 e após 2003, apenas da missa.), havendo falas jornalísticas no início e no final da missa, em que são entrevistados representantes especialmente dos campos religioso e político, principalmente. Os símbolos presentes, como a imagem da Medianeira, o tema, o lema e outras imagens de santos são explicados. Também se contextualiza a cidade de Santa Maria, como sua localização geográfica, as atividades marcantes, como o fato de ser centro educacional, comercial e turístico.

A seguir, reflete-se sobre as diferenças nos formatos televisivos da midiatização da Romaria pela Rede Vida, em que são analisadas as transmissões de 2001 a 2004 e apontadas singularidades da midiatização.

## **Midiatização da Romaria: o acontecimento religioso é dissolvido pelas lógicas televisivas**

A transmissão ao vivo da Romaria pela Rede Vida acontece desde 1996, sendo que foi uma das primeiras festas religiosas brasileiras a serem televisionadas pela emissora. A construção desse acontecimento midiático já representa uma tradição não só para aqueles que organizam predominantemente o acontecimento, o campo religioso, ou para os que produzem os sentidos, o campo midiático, mas também aos outros campos sociais envolvidos na gestão da festa, como os patrocinadores, geralmente empresários e políticos, além dos fiéis.

Para compreender como a Rede Vida estrutura esse acontecimento midiático, são analisadas as transmissões dos anos de 2001 a 2004, que foram divididos em dois blocos de análise por apresentarem diferenças nos formatos televisivos: 2001/2002 e 2003/2004.

Nos primeiros anos, a transmissão teve duração de 2h e 40 minutos, havendo imagens ao vivo da procissão e da missa. Já a partir de 2003, o tempo de transmissão diminui para menos de 2 horas, em que se transmite ao vivo apenas a missa e são inseridos boletins gravados anteriormente durante o trajeto da caminhada. A procissão deixa de ser um acontecimento, ficando reduzida a menos de 5 minutos, perdendo seu status frente à missa, único ritual da Romaria que é preservado no novo formato de transmissão.

Em 2001/2002, havia um narrador que fazia a abertura do evento, passando a reproduzir o áudio gerado pelo sistema de som, com imagens ao vivo da procissão, sem imagens dos entrevistados e com reprodução da liturgia quase em sua totalidade. A cobertura televisiva mais parecia uma transmissão radiofônica, em que o áudio de quem falava era coberto por imagens gerais da festa.

Já em 2003/2004, há uma transmissão mais curta, com boletins gravados e inseridos como se fossem ao vivo, são realizadas entrevistas no final, em que agora aparecem as imagens dos entrevistados.

Comparando-se esses dois blocos de análise, são observadas diferenças nos modos de produção que caminha de um formato mais devocional para o midiático. Antes, mesmo sendo mídia, a Rede Vida conseguia mostrar a cerimônia religiosa, preservando-a quase em sua totalidade. Agora, a Rede Vida sucumbe à lógica midiática, fragmentando a Romaria. Traços da religião são apagados pelas marcas simbólicas do campo midiático, em que a religião passa a ser fluída, líquida e mostrada em 'pedaços'.

A Romaria deixa de ser televisionada ao vivo em sua totalidade para que sejam apenas extraídos momentos. Antes, havia um início, um meio e um fim, agora, há uma subordinação ao tempo da televisão, que corta, edita, monta e extrai fragmentos da festa.

Nessa mudança de formato, o tempo diminui para que a festa possa se adequar melhor à temporalidade televisiva, passando de um discurso quase que puramente devocional para aproximar-se mais do midiático.

A procissão que dura 1h30 resume-se a boletins gravados de menos de 5 minutos. Ou seja, a cerimônia religiosa deixa de ser importante para a midiatização, que a apaga e fragmenta.

Até 2002, observa-se há pouca interrupção e quando ela ocorre é para explicar o tema, o lema, anunciar quem vai presidir a missa e também para dar informações mais contextuais. A televisão raramente intervinha e, quando o fazia, era para explicar o significado dos símbolos da celebração<sup>13</sup>. Tratava-se de um acontecimento midiático em sua completude.

Representantes do campo religioso, geralmente os bispos e padres envolvidos de forma mais direta, eram ouvidos sobre o tema ou o lema: "tinha alguma entrevista apenas para contextualizar quem estava assistindo, algum dado, *alguma informação de Santa Maria*, da Romaria daquele ano, *porque o tema* e tal apenas para ir *contextualizando o telespectador*"<sup>14</sup>.

A procissão da romaria era construída midiaticamente com closes em símbolos religiosos, seja nos representantes do campo religioso (padres, bispos) ou em objetos identitários, como velas, rosários, cruz. Também ganham destaque na construção televisiva os romeiros, seja de forma mais geral, apostando-se na imagem da multidão ou em pessoas que se destacam de alguma forma, como os pagadores de promessa, aqueles que carregam algum símbolo (vestes, velas, cruz, rosário, etc).

O quadro de Nossa Senhora Medianeira também é muito mostrado com closes e ângulos que não podem ser vistos por aqueles que participam presencialmente da festa. É uma das formas que a televisão cria para compensar a não presencialidade, como assinalam Dayan e Katz (1995).

Os símbolos que fazem parte da celebração presencial são explicados por aqueles que comandam a transmissão televisiva, havendo a construção de uma cerimônia midiática, em que se deve explicar alguns aspectos que são mostrados. Os símbolos são geralmente explicados por agentes do campo religioso: Dom Ivo, o bispo participante, ou os padres Walmir (reitor do Santuário) e Sílvio (responsável pelo setor de comunicação), que não aparecem na tela, pois se tinha uma transmissão voltada apenas para o áudio das pessoas com cobertura das imagens do desenvolvimento da procissão e missa.

Ano a ano, observa-se o afastamento do formato de transmissão radiofônica, com inserção de imagens de entrevistados e enquadramentos privilegiados que só a televisão pode construir. Agora, o entrevistado aparece, seja representante do campo religioso, político, empresarial ou cultural. Ao mostrar essas autoridades, a Rede Vida compensa ao telespectador a não presencialidade, já que dificilmente essas pessoas seriam avistadas no meio da multidão.

---

<sup>13</sup> DAYAN e KATZ (1995).

<sup>14</sup> Padre Sílvio Weber, responsável pelo Setor de Comunicação Social da Diocese, em entrevista concedida no dia 13 de setembro de 2005.

A partir de 2003, observa-se um foco maior dos enquadramentos televisivos nas encenações litúrgicas da missa. Nos anos anteriores, era mostrada mais a pessoa que lia as leituras do que a encenação. Passa-se a investir mais tempo em mostrar as encenações, que também são mais freqüentes que nos anos anteriores, e menos a pessoa que lê.

Como o acontecimento midiático é transmitido ao vivo há um elemento de tensão constante, pois há imprevisibilidades. Esse elemento de apreensão é expressado pelos representantes do campo midiático: "continuamos esperando a imagem de Medianeira, que está um pouco atrasada" (do apresentador, Norton Cesar, em 2003) e também do campo religioso "Nossa Senhora se atrasou" (do bispo Dom Dadeus Grings, em 2002).

Se a imagem de Medianeira atrasa a chegada ao Altar-Monumento, entram em cena na televisão os atores-repórteres que passam a desenvolver estratégias para que o telespectador aguarde o início da transmissão da missa. A principal estratégia é entrevistar autoridades, seja o padre, o bispo, o fiel que participa da Romaria há muito tempo ou o político.

Para evitar atrasos, o trajeto da Romaria foi mudado em 2002 depois de mais de 60 anos. Como o novo percurso passa a ser em linha reta, com apenas uma conversão e não mais três, há incidência sobre uma procissão com mais fluidez. A possibilidade de atraso da missa é reduzida e, conseqüentemente, para a transmissão via Rede Vida também. O trajeto com melhor fluidez favorece o tempo da televisão.

*"Já aconteceu um ano que atrasou quase meia hora e a televisão no ar (...) isso é horrível na transmissão, é péssimo (...) é terrível numa transmissão em rede nacional (...), pois tu tem todo um esquema montado, de entrevistas, de acompanhamento até a hora de começar a missa (...) daí chegou a hora e não chegou a imagem, nem começou a missa. Aí tem que arrumar gente para ficar falando e tal"<sup>15</sup>.*

O fato de a Romaria ser transmitida ao vivo pela televisão representa mudanças na organização da procissão, em alterações de regras quase seculares. Isso mostra que a Rede Vida incide sobre o campo religioso, impondo suas regras específicas no que se refere à temporalidade.

Mesmo tendo ligação com o campo religioso, a emissora católica funciona a partir de lógicas midiáticas – há um tempo previsto para a transmissão, deve-se obedecer a uma grade de programação que é nacional e não local, há um script e deve-se seguir as normas que integram as rotinas produtivas.

A transmissão em rede nacional representa uma preocupação para os organizadores da festa, que acabam impondo novas regras ao ritual religioso. "Se tem um *horário, deve ser seguido (...)*, pois quando atrasou teve de ser cortado antes de encerrar, pois se tem uma *grade de programação*"<sup>16</sup>.

O tempo da televisão é um fator importante na organização do evento que deve ser cumprido em função de uma programação que foge ao controle do campo religioso e que está submetido às regras do campo midiático. São as regras de funcionamento do campo midiático ditando as ações ao campo religioso.

---

<sup>15</sup> Padre Sílvio Weber, em entrevista no dia 13/09/2005. Grifos da autora.

<sup>16</sup> Idem. Grifos da autora.

Além da mudança de trajeto, a organização litúrgica da missa também sofre alterações porque a festa tem de se adequar à midiatização. Observa-se no decorrer das transmissões ao vivo – de 2001 a 2004 –, que cada vez mais o ritual é encenado.

Padre Ênio Rigo, responsável pela organização do ritual litúrgico, explica que é ainda mais difícil elaborar uma liturgia pelo fato de que deve pensar no público que está presente e naquele que está em casa e quer ver mais dinâmica.

*"A liturgia é preparada pensando nos romeiros e na televisão. A missa deve ter símbolos que falem por si porque a televisão é muito de imagem, então uma missa normal não tem repercussão. A missa de eventos grandes deve ser diferente (...) com dinamização das coreografias, dos símbolos e dos cantos e músicas que vão tocar o coração do telespectador"<sup>17</sup>.*

Analisando-se as transmissões, observa-se que há uma evolução no conceito de estética, já que a missa de 2001 pouco diferiu daquelas ministradas nos templos, em que quase nenhuma passagem dos ritos foi encenada. Em 2002 e 2003, algumas passagens foram realizadas com dramaturgia. A mesma passagem bíblica apenas lida em anos anteriores, a partir de 2003, ganha um status de encenação, o que mostra a preocupação do campo religioso em adequar o ritual litúrgico às características da televisão.

Em 2003, ao invés de um evangelho tradicional, o rito é substituído por encenações de dragões e crianças que interpretam uma passagem. "Aquele dragão. *Tinha que ter cinquenta dragões dançando (...)*. É o espetáculo, você não pode deixar cair. Agora, isso você não muda, isso é uma Igreja com dois mil anos, esse processo litúrgico, essa visão (...). *E aí é picos e vales no espetáculo"<sup>18</sup>.*

A midiatização da Romaria agora não é mais só uma reprodução quase literal do ritual litúrgico, mas um espetáculo construído a partir das gramáticas televisivas. Para o diretor, a imagem da liturgia encenada representou o ápice do acontecimento, pois esteticamente teve um valor midiático muito superior às demais ações empreendidas pelo campo religioso para mostrar a festa.

O ritual religioso é mudado e adaptado às características do dispositivo midiático. A midiatização da Romaria vai impondo novos modos e regras de funcionamento da festa, em que se observa neste processo uma romaria que vai sofrendo historicamente alterações em função da presença do dispositivo televisivo. Agora, observa-se uma Romaria midiaticizada, pois ela é pensada e organizada para a televisão e não mais em função apenas de seu público presencial.

As marcas simbólicas identitárias do campo religioso são transformadas e também são criadas outras para que sejam adaptadas à televisão. Nesse caso, o campo religioso desloca-se de uma simbólica formal para também ter marcas informais como define Rodrigues (2000), o que não significa que suas marcas tradicionais são apagadas, mas sim transformadas em função dessas novas formas de manifestação das religiosidades na sociedade atual.

---

<sup>17</sup> Padre Sílvio Weber, em entrevista concedida no dia 13 de setembro de 2005.

<sup>18</sup> Sérgio Reis, diretor da transmissão da Romaria, em entrevista concedida no dia 9 de novembro de 2003, após a transmissão.

A partir dessa mudança de formato em relação aos anos anteriores, observa-se que a lógica midiática subordina as ações do campo religioso, em que se passa de uma transmissão em que o ritual religioso era preservado em sua totalidade (procissão e missa) para extrações de momentos esteticamente agradáveis.

Pode-se dizer que até 2002, a transmissão ao vivo da Romaria se configurava num acontecimento midiático, mas a partir de 2003, ele passa a ser semi-agendado, pois é cortado e editado para que pareça ao vivo quando na realidade não é.

## **Algumas Considerações**

A midiatização da Romaria pela Rede Vida constitui-se num processo complexo em que a televisão apóia-se em cerimoniais intrínsecos à festa para gerar a sua própria cerimônia segundo estratégias singulares de produção de sentidos. A partir de fatores constitutivos de seu campo, a televisão, juntamente com o desenvolvimento de ações de outros campos sociais, incide sobre a festa, transformando historicamente seu conceito, o que resulta na Romaria midiatizada.

As alterações nos dispositivos midiáticos que atuam sobre a festa – do sistema de som para a visibilidade nacional – incidem sobre o conceito de Romaria, já que outras simbólicas são destacadas e mostradas. A midiatização da Romaria pela Rede Vida representa um processo crescente de atuação dos dispositivos midiáticos sobre ações antes desenvolvidas apenas pelo campo gestor desses acontecimentos. Com a midiatização pela televisão, gera-se uma outra cerimônia que não a religiosa, mas a midiática.

Trata-se de uma midiatização que, historicamente, faz com que sejam efetuadas alterações nos modos de construção do cerimonial religioso, transformando a própria noção de cerimônia religiosa. Muda-se o trajeto quase secular da Romaria, altera-se o formato litúrgico da missa para que ela possa se adequar melhor à televisão e diminui-se o tempo de transmissão.

Mesmo pertencendo a uma fundação que é gerenciada por representantes do campo religioso, a Rede Vida opera sobre a festa a partir de lógicas midiáticas, transformando esse acontecimento religioso numa outra gramática. A Romaria é co-determinada e construída pelos modos de funcionamento da lógica midiática e não pelas características do campo religioso.

A transmissão televisiva da Romaria passa de um discurso quase que puramente devocional (2001/2002) para aproximar-se mais do midiático (2003/2004). Essas alterações no formato televisivo representam mudanças nos formatos produzidos, nos modos de operar dos processos midiáticos e também sobre as novas formas de inserção da religiosidade na sociedade atual.

Teria-se uma Romaria não mais marcada apenas por seus vários rituais religiosos, mas sim uma fragmentação dos sentidos que ela representa, já que são extraídos pedaços dela e não mostrada uma seqüencialidade – a procissão e a missa.

O religioso se dissolve no campo midiático, já que antes era mostrado o desenrolar do acontecimento ao vivo – da procissão à missa-, e agora só parte desse ritual religioso ganha visibilidade, em que algumas de suas marcas identitárias são apagadas ou substituídas por fragmentos.

O acontecimento religioso que antes tinha preservado seus rituais, especialmente as simbólicas da procissão, que é uma marca forte das romarias, é dissolvido pelas lógicas midiáticas, tendo de adequar-se à temporalidade da televisão, aos modos de operar dessa televisão que captura imagens esteticamente 'vendáveis' e as joga dentro de sua complexidade.

A Rede Vida transforma historicamente a noção de Romaria, que deixa de ser vista a partir de sua singularidade, a procissão, o caminhar juntos, a integração dos fiéis que peregrinam para ser mostrada e construída em fragmentos em função de regras do campo midiático, como o tempo da televisão e suas lógicas internas – a produção de um espetáculo.

Essa cultura midiática acaba impondo-se sobre as lógicas que antes orientavam o campo religioso. O ritual litúrgico é substituído por fragmentos, recortes e características do dispositivo midiático, que impõe o seu cerimonial à Romaria, transformando a noção de cerimônia religiosa.

---

## Referências

- BOURDIEU, P. 1990. *Coisas Ditas*. São Paulo, Editora Brasiliense.
- DAYAN, D.; KATZ, E. 1995. *La historia en directo. La retransmisión televisiva de los acontecimientos*. México, Ediciones G. Gili.
- ESTEVES, J. P. 1998. *A ética da comunicação e os media modernos*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- MARTÍN-BARBERO, J. 2004. *Razón técnica y razón política: espacios/tiempos no pensados*. Alaic.
- MOUILLAUD, M.; PORTO, S. D. (org.). 1997. *O Jornal: da forma ao sentido*. Brasília, Paralelo 15.
- RODRIGUES, A. D. 2000. A emergência dos campos sociais. In: *Reflexões sobre o mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Piauí, Editora Revan.
- SILVERSTONE, R. 2002. *Por que estudar a mídia?* São Paulo, Loyola.
- SODRÉ, M. 2002. *Antropológica do espelho*. Petrópolis, Vozes.